



PRACA

REVISTA DISCENTE DA PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA DA UFPE



VOLUME 4 - NÚMERO 1, 2020
ISSN 2595-1025

dossiê

Florestan
Fernandes



Contato

revistapracaufpe@gmail.com

Para mais informações, arquivos e submissões em fluxo contínuo, acesse:

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/praca>

Imagem da capa:

Câmara dos Deputados

Informações Bibliográficas:

Praça: Revista Discente da Pós-Graduação em Sociologia da UFPE

Volume 4, Número 1, 2020, 106 páginas

ISSN: 2595-1025

Comitê Editorial:

Anita Pequeno

Carla Ribeiro Sales

Claudia R. Ferreira de Brito

João Flávio M. Amaral

Marcele de Moraes Silva

Mariana Albuquerque

Raphael Nascimento

Rebecca Portela Melo

Samara Maria de Almeida

Agradecimentos:

À professora Eliane Veras e ao professor Diogo Valença pela gentil escrita do editorial.

A todos os autores e pareceristas que contribuíram para a produção desta edição.

Sumário

Editorial	4
-----------------	---

Dossiê: Florestan Fernandes

As pesquisas folclóricas desenvolvidas por Florestan Fernandes: <i>uma introdução</i>	6
Rebeca Bandeira	

Cem anos de Florestan Fernandes: <i>uma vida dedicada à defesa da escola pública</i>	19
Cláudia Sena Lioti e Márcia Marlene Stentzler	

Ensino de Sociologia no Ensino Médio: <i>o olhar de Florestan Fernandes</i>	33
Célia Oliveira dos Santos Neta	

Florestan Fernandes e Theotônio dos Santos: <i>apontamentos sobre o capitalismo dependente e o fascismo na América Latina</i>	45
Itamá Winicius do Nascimento Silva	

Florestan Fernandes: <i>um precursor da política de promoção da igualdade racial no Brasil?</i>	69
Tairine Ferreira Pimentel	

O paradoxo da democracia nas relações raciais: <i>uma leitura de “A integração do negro na sociedade de classes”</i>	83
Lara Maria Alves Falcão	

Resenha

Recursos para um ativismo intelectual: <i>o paradigma da interseccionalidade em Patricia Hill Collins</i>	102
Lunara Gomes	



Editorial

Qual a importância de se estudar a obra de Florestan Fernandes hoje?

Um dos maiores legados de Florestan Fernandes, reconhecido sem exceções pelos intérpretes de sua produção sociológica, seria a ênfase no rigor do trabalho acadêmico e adesão convicta às exigências da objetividade do conhecimento científico. Não há dúvida de que o autor se adaptou às normas da ciência. Foi além, pois Florestan Fernandes construiu novos critérios de pesquisa científica na Sociologia, reelaborando as heranças clássicas das ciências sociais e, também, redefinindo as contribuições teóricas e de método de muitos de seus pares contemporâneos, nacionais e estrangeiros. Há, entretanto, outro legado de Florestan Fernandes raramente discutido: a sua preocupação constante com a utilização prática do saber sociológico por meio da construção de canais sociais de aproveitamento das ciências sociais.

O uso das ciências sociais não seria um problema meramente teórico. Os cientistas sociais costumam conversar quase exclusivamente com os próprios pares. Deixamos de dar respostas aos dilemas enfrentados pela coletividade, pois não temos canais sociais de aproveitamento do saber sociológico e não nos preocupamos com a construção sistemática desses canais. O espírito aristocrático da torre de marfim ainda permanece como símbolo de prestígio do cientista social, que evita colocar a mão na massa. O próprio debate público fica estiolado com o ritmo acelerado de informações após as consequências contemporâneas das revoluções técnico-científica e informática. Nesse sentido, as ciências sociais não conseguem dar respostas intelectuais que se transformem em força material das lutas democráticas na sociedade brasileira. Uma situação grave com os atuais riscos à nossa democracia.

As lições de Florestan Fernandes não dizem respeito apenas a uma forma rigorosa de produzir cientificamente, a um modo de praticar a sociologia, mas também à sua atitude ativa de

procurar refletir e construir os canais de participação do cientista social nos processos históricos e políticos de sua própria sociedade. É assim que se deve interpretar, por exemplo, sua pesquisa sobre o negro e seu envolvimento na Campanha em Defesa da Escola Pública e nos debates sobre a reforma universitária. De igual modo, seus trabalhos sobre o subdesenvolvimento e o capitalismo dependente são contribuições inegáveis para o debate público brasileiro dos anos 1960 e 70.

Esse legado de Florestan Fernandes até hoje não foi assumido como um projeto coletivo de autodefesa da profissão de cientista social, apesar de existirem algumas tentativas de articular um movimento mais amplo, como nas associações que defendem a presença da Sociologia e das Ciências Sociais no ensino médio. Essa é uma das tarefas indicadas por Florestan Fernandes a ser cumprida pelas novas gerações – tarefa que a revista *Praça* tomou para si, ao editar este número em celebração ao centenário de nascimento do Patrono das Ciências Sociais no Brasil. Esperamos que ela floresça!

Muritiba / Recife, 21 de janeiro de 2021.

Diogo Valença de Azevedo Costa

Eliane Veras Soares
